

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**A imagem do corpo e a angústia sobre o corpo no envelhecer e
no morrer**

Mayra Armani Delalibera

São Carlos – novembro, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**A imagem do corpo e a angústia sobre o corpo no envelhecer e
no morrer**

Mayra Armani Delalibera RA: 211990

Trabalho desenvolvido para obtenção do título de
Bacharel em Psicologia, sob a orientação da Prof^o
João Ângelo Fantini.

São Carlos – novembro, 2005.

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo.
Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas, e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.
Eu não dei por conta desta mudança
tão simples, tão certa, tão fácil
Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Cecília Meirelles
“Retrato” In: Flores de Poemas

Agradecimentos

Ao meu orientador, João Fantini e a professora Patrícia, pelo auxílio no trabalho realizado durante esses dois anos.

Aos meus amigos, pelo apoio nos momentos difíceis; por compartilharem as alegrias; pela amizade sincera, confiante e por contribuírem no meu crescimento como pessoa, assim como na escolha dos melhores caminhos.

À minha família, por me ensinar a lidar com as desavenças, e principalmente aos meus pais, pela educação, moral e ética que me ensinaram, por confiarem na minha capacidade, sempre apoiando e incentivando minhas decisões e escolhas.

Dedicatória

*Dedico esse trabalho as minhas avós que,
ao contrário de mim, não tiveram medo da velhice e de envelhecer,
e me mostraram que esse período da vida pode se muito produtivo também.*

SUMÁRIO

Resumo.....	07
I. Introdução.....	09
1. História do corpo	11
2. O envelhecimento e a morte.....	22
II. Objetivos.....	26
III. Justificativa.....	27
IV. Metodologia.....	28
V. Resultados.....	29
VI. Discussão.....	32
VII. Conclusão.....	42
VIII. Referências Bibliográficas.....	46
Anexo I.....	49

RESUMO

O corpo é atingido culturalmente pelas mais variadas esferas de poder, é vitimizado por apelos de consumo, pela forma como o trabalho o molda e como as crenças religiosas o concebem, enfim, o corpo é produto da construção cultural.

Com o passar dos tempos, o corpo foi se tornando cada vez mais carregado de conotações, liberado física e sexualmente na publicidade, na moda, nos filmes e romances; tornando-se objeto de obsessão da juventude.

Os meios de comunicação e a moda que ditam o conceito de beleza do momento, bombardeiam as pessoas com a promoção de corpos esguios ou muito bem malhados. As indústrias de bem de consumo também têm criado e produzido cada vez mais novidades prometendo esses corpos de forma muito rápida e que não exijam tanto esforço pessoal, além disso, as pesquisas científicas têm avançado muito neste campo, com a invenção de novos métodos de tratamentos e novos medicamentos.

Este trabalho tem como objetivo analisar e compreender porque a sociedade contemporânea parece tão preocupada com o envelhecimento do corpo, com o processo de envelhecer e morrer, e principalmente, a angústia recorrente desse processo, já que a preocupação com o corpo parece ser uma das mais importantes características da sociedade moderna.

Para isso foi realizado uma análise de artigos extraídos da Revista Veja no período de Maio à Novembro de 2004, onde foram analisados os tipos de imagem e concepção de corpo, vida e saúde que estão sendo veiculadas nos meios de comunicação e o que isso influencia na ansiedade e no medo de envelhecer.

A busca por uma saúde perfeita, por um corpo perfeito, que não se desgaste e envelheça com o passar dos anos, tem se mostrado uma queixa freqüente ultimamente na clínica psicológica. Muitas pessoas não querem ver seu corpo se deteriorando e a beleza da juventude se esvaindo, ainda mais porque dia após dia somos bombardeados por milhares de imagens, anúncios e propagandas, que nos lembram do valor e da importância de ser jovem, bonito e saudável.

Ter um estilo de vida saudável com alimentação balanceada e a prática regular de exercícios físicos deveria ser uma forma de melhorar a auto-estima e sentir-se confortável com o corpo que tem, e não uma obsessão por corpos magérrimos ou malhadíssimos, impossíveis de serem atingidos.

Palavras-chave: imagem do corpo, envelhecimento, longevidade e estética.

I. INTRODUÇÃO

O corpo é socialmente e culturalmente constituído. A análise da representação social do corpo oferece uma das mais numerosas vias de acesso à estrutura de uma determinada sociedade, porque cada uma atribui ao corpo humano um sentido particular e este não é o mesmo para as diferentes sociedades. As mesmas elegem um certo número de atributos próprios que acreditam que o homem deve ter, tanto do ponto de vista intelectual, moral quanto físico; e estes atributos são em certa medida os mesmos para todos os membros da sociedade, embora se distingam em nuances segundo os diferentes grupos, classes ou categorias que toda sociedade abriga.

O corpo é atingido culturalmente pelas mais variadas esferas de poder, é vitimizado por apelos de consumo, pela forma como o trabalho o molda, como as crenças religiosas o concebem entre outros. O corpo é produto da construção cultural, mas não é somente um agente passivo, ele também produz determinações culturais, ele é um veículo de transformação de papéis sociais (Hassen, 2001).

A sociedade também dita as normas em relação ao corpo, quando atribui uma significação especial a determinadas características em função da sua importância e relevância, selecionando dentre todas quais serão as inibidas e quais serão as exaltadas. A custo de castigos ou recompensas o indivíduo tenderá a se conformar com estes padrões de comportamento estabelecidos como se fossem tão naturais quando o desenvolvimento dos seres vivos (Rodrigues, 1986).

Assim, o corpo de cada indivíduo de um grupo cultural revela não somente sua singularidade pessoal, mas também tudo aquilo que caracteriza esse grupo como uma

unidade. Cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos, que estão na base da vida social (Gonçalves, 1994).

Para algumas religiões populares a sacralidade do corpo que se resume em dar maior importância à vida eterna do que a vida terrena; e mais importante que a saúde física do corpo é a integridade eterna do corpo. O corpo é considerado como um corpo carnal e simbólico ao mesmo tempo, uma dádiva de Deus, um bem a ser zelado, o templo do espírito.

Segundo Martins (1999), nessa concepção religiosa o corpo do homem não pertence ao homem, e por isso na eternidade não há lugar para corpos mutilados, para os corpos desfigurados pela mão do homem. Os suicidas e os assassinados ficarão apartados de Deus, porque morreram antes do tempo, porque sua vida foi interrompida por mão humana, uma espécie de profanação. Como forma de impor condenação eterna e irremediável, a determinadas pessoas, como inimigos, por exemplo, eram realizados ritos sacrificiais como furar ou arrancar os olhos, ou queimar o corpo ainda vivo da vítima para que este fique impossibilitado de reconstruir o corpo no dia do Juízo Final. Assim o morto ausente não receberá sua sentença e vagará eternamente na escuridão da morte.

O corpo simbólico passa por metamorfoses mesmo em vida, e os cuidados rituais com o corpo carnal são na verdade, cuidados rituais com o corpo simbólico, a realidade dupla e dialética da corporeidade do homem (Martins, 1999).

História do corpo

Na Idade Média ressaltam-se os maiores contrastes, as maiores diferenças, entre os sentidos estéticos com a civilização moderna e contemporânea. Na Idade Média e ainda no Renascimento, tanto os seres, quanto às coisas, eram percebidos como uma continuidade, ou seja, corpo e mente, estavam ligados entre si.

Nas sociedades pré-industriais era grande a significação do corpo para a identidade pessoal e social e para o funcionamento da sociedade. Nessas sociedades eram valorizadas qualidades corporais como força, destreza e agilidade, não somente em torneios e competições, mas também eram importantes para a vida militar e política. Características corporais como altura, cor da pele etc., tinham um papel central no desempenho das funções sociais, sendo também motivo para estigmatização (Gonçalves, 1994).

O cristianismo pautava-se na recusa do corpo; cabia ao homem descobrir-se como mais do que seu próprio corpo, descobrir-se como alma que deve lutar contra os desejos para escapar da morte e conquistar a eternidade.

Para Descartes (apud Silva, 1999 p. 4) o corpo humano é do domínio da natureza, o corpo é puramente corpo, assim como a alma é puramente alma, princípio que autoriza a razão e a ciência, como sua instituição, a conhecer e dominar o corpo humano, tarefas que serão exacerbadas na atualidade. Ao separar radicalmente as dimensões corpo e alma, a perspectiva cartesiana reforça a idéia de funcionamento corporal independente da idéia de essência, como uma maquinaria que atua com princípios mecânicos próprios.

Segundo Rodrigues (1999) é no século XVII que emerge uma nova forma de conhecimento que dará sentido ao mundo e irá conformar não somente a racionalidade, mas

também posturas, representações e sensibilidade do homem ocidental moderno. Esse século se caracteriza por uma ruptura indicada por outra maneira de produzir e conceber o saber no mundo ocidental. O saber, a partir de então separa-se dos seres; distancia-se, dissocia-se e fragmenta-se, viabilizando o método analítico, modificando toda forma de relação do pensamento com a cultura, que passa a ancorar-se em oposições: subjetivo x objetivo; natureza x cultura; sociedade x indivíduo; natural x sobrenatural. A base dessa ruptura é a cisão que divide o homem em corpo e alma. A dificuldade de lidar com o paradoxo produziu, no desenvolvimento da cultura, a fragmentação da realidade em oposições, optando-se por privilegiar valores como ordem, limpeza, proteção e controle.

A partir do século XVII, o homem passou a considerar a razão como único instrumento válido de conhecimento, distanciando-se de seu corpo, visulizando-o como um objeto que deve ser disciplinado e controlado. Fragmentado em inúmeras ciências, o corpo passou a ser um objeto submetido ao controle e a manipulação científica (Gonçalves, 1994).

A filosofia do positivismo, especialmente a partir da hegemonia que conquista no âmbito das ciências biomédicas, vai respaldar as ações que estão sendo desenvolvidas no âmbito do corpo, seja ele individual ou social. A medicina que se estrutura nesse período vai incorporar o saber oriundo de ciências emergentes, tais como a microbiologia, a anátomo-patologia e as práticas sociais. A atividade dos médicos vai ser fundamental nesse processo de subjetivação que ocorre na modernidade, com um incentivo especial à identificação do indivíduo com sua dimensão corporal (Silva, 1999).

Estabeleceu-se uma nova imagem corporal coerente com a profunda transformação social e baseada no individualismo, como expressão ideológica do capitalismo industrial. Reforça-se a individualidade humana, percebendo de forma mecânica o funcionamento

corporal e cortando os vínculos com a percepção da alma como fonte energética, levando por fim a enfatizar o individualismo das partes do corpo e das partes constituintes da sociedade.

À noção secular e mundana de indivíduo autônomo e independente em relação ao funcionamento orgânico corresponde a instauração da propriedade privada, característica fundamental dessa nova ordem socioeconômica. O processo de privatização altera, concomitantemente, a estruturação da esfera pública e a organização da personalidade, forçando os indivíduos a se envolverem com as questões do "eu" (Sennett, 1988, apud Silva, 1999 p. 7).

A constituição da individualidade implicou mudanças radicais nos modos de pensar e sentir. O refinamento dos costumes vinculou-se ao desenvolvimento de lógicas e técnicas de proteção do corpo. As fronteiras corporais tenderam a tornar-se mais demarcadas e os corpos mais defendidos.

O processo de individuação que vem sendo apontado pode ser percebido nas obras de arte do Renascimento quando surgem os primeiros auto-retratos que, diferentemente do período anterior, começam a ser mais realistas e a não mascarar o corpo que se revela na busca de perfeição das formas corporais, orientada por um ideal de racionalidade, de beleza e de proporção, que traduz uma busca do homem universal. Mais do que isso, as obras de arte também apresentam uma tentativa de representação do cotidiano, adquirindo uma independência de dois elementos muito característicos das obras anteriores que eram a representação religiosa ou mitológica e a representação da realeza. Há uma valorização do indivíduo como tal.

A corte, a realeza, vai perdendo a importância no mundo, que se torna cada vez mais urbano e econômico, gerido por outras formas de relação. Até mesmo no cristianismo

pôde-se observar a transformação do sujeito divino em sujeito humano, processo caracterizado por Weber como “desencanto do mundo” que é a perda dos componentes mágicos e religiosos, correspondente à ética protestante, que se estrutura concomitantemente ao capitalismo: "quando o ascetismo foi levado para fora dos mosteiros e transferido para a vida profissional, passando a influenciar a moralidade secular, fê-lo contribuindo poderosamente para a formação da moderna ordem econômica e técnica ligada à produção em série através da máquina" (Weber, apud Silva, 1999 p. 3). Esse indivíduo, caracterizado pela conduta ascética, está muito menos preocupado com as dádivas divinas do outro mundo do que com a construção desse merecimento aqui neste mundo.

O período que vai caracterizar o interesse pelo corpo de uma forma específica é a modernidade, definida pela destruição das ordens antigas, pelo triunfo da racionalidade subjetiva ou instrumental e pelo processo de subjetivação, que se forma no interior do individualismo, todos esses termos amparados por uma tendência inédita à universalização de seus valores e normas, levando a uma ocidentalização do mundo.

A destruição das ordens antigas vai ser marcada por processos decisivos na história humana como a morte da divindade e o fim do domínio aristotélico marcado pela Revolução Burguesa (Silva, 1999). Fim da crença em Deus, da crença em uma ordem superior, sobre-humana, e o surgimento de uma crença na materialidade manifesta do corpo.

A modernidade é identificada como uma revolução onde tudo passou a se basear no conhecimento científico e tecnológico exigindo assim, uma grande atividade racional. Ela é caracterizada pelo desenvolvimento produzido pelo progresso técnico, científico e tecnológico, por um processo de secularização e ruptura com os laços da sociedade

tradicional, onde Deus foi substituído pela ciência, por uma sociedade racional fundamentada na utilização da técnica e da ciência nos diversos campos da sociedade.

A modernidade é o momento em que se dá a separação do ser humano e a natureza. A atenção é voltada para o corpo com reforço do individualismo e de uma universalização dos valores e normas ocidentais. Há um interesse maior por tudo que se refere ao corpo e que diz respeito à aparência a ser apresentada em público (Silva, 1999).

Na segunda metade do século XX, uma série de hábitos físicos, sensoriais e mentais são incorporados sistematicamente no cotidiano dos habitantes do mundo ocidental.

"O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está... Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito... (Esses hábitos) são arduamente exercitados, concentradamente no fim de semana, mas a rigor incorporados em doses metódicas como práticas indispensáveis da rotina cotidiana".¹

A prática do culto ao corpo está associada à modernidade, onde a filosofia do ser jovem, desportista, vestir-se e saber dançar os ritmos da moda, é que é ser moderno. Nessa época ocorreu também um “relaxamento da moral”, com uma maior exposição do corpo, associada à difusão de práticas esportivas e à ousadia dos cortes e tecidos que passam a evidenciar as suas formas, que permitiam também que se exponham algumas partes do

¹ Castro, 1997. Culto ao corpo, modernidade e mídia

corpo antes não permitidas. Isso só ocorreu quando os indivíduos já atingiram um alto grau de autocontrole de seus impulsos (Castro, 1997).

A ginástica e a educação física foram necessárias para manter a nova ordem e a nova racionalidade, exigidas pela instauração da sociedade industrial, era necessário conhecer e controlar os corpos e seus excessos que ameaçavam as intenções dos higienistas e pedagogos na sua pregação de uma ginástica racional para uma suposta obtenção e preservação da saúde, já então compreendida como responsabilidade individual.

A década de vinte foi também crucial na formulação de um novo ideal físico, tendo a imagem cinematográfica interferido significativamente nessa construção. As mulheres, sob o impacto combinado das indústrias do cosmético, da moda, da publicidade e de Hollywood, incorporam o uso da maquiagem, principalmente o batom, em seus cotidianos e passam a valorizar o corpo esbelto e esguio².

O corpo com o passar dos tempos foi se tornando cada vez mais carregado de conotações, liberado física e sexualmente na publicidade, na moda, nos filmes e romances; cultivado higiênica, dietética e terapeuticamente, e também tornando-se objeto de obsessão da juventude (Rodrigues, 1986).

Outros fatores marcantes para o estudo do corpo no século XX, foram à expansão do lazer e a explosão publicitária no pós-guerra, nos anos cinqüenta. As pessoas se tornam cada vez mais esportistas, e esta tendência está cada vez mais relacionada à expansão do

² Castro, 1997. Culto ao corpo, modernidade e mídia

tempo de lazer com férias remuneradas, a explosão dos campings tornando as praias muito mais acessíveis.

A explosão publicitária no pós-guerra foi sem dúvida a grande responsável pela difusão de hábitos relacionados aos cuidados com corpo e às práticas de higiene, limpeza, beleza e esportes. Assim como o cinema e a televisão contribuíram para a venda das imagens e dos produtos de cuidados com o corpo, pois ao colocarem estrelas de TV anunciando os produtos, introduziam também novas práticas, difundindo uma nova maneira de lidar como o próprio corpo e um novo conceito de higiene.

O cinema de Hollywood ajudou a criar novos padrões de aparência e apresentação físicas, difundindo novos valores da cultura de consumo e projetando imagens de estilos de vida glamourosos para o mundo inteiro. As estrelas de cinema ajudaram a formar um ideal de perfeição física, com novos tipos de maquiagem, cuidados com cabelos e técnicas para corrigir imperfeições (Castro, 1997).

Nos anos sessenta ocorreu a difusão da pílula anticoncepcional, da chamada "revolução sexual" e do movimento feminista, elementos que, associados à contracultura e ao "hippismo" contribuirão para a colocação da corporeidade como importante dimensão no contexto de contestação que marca a década. O corpo é colocado em cena pela contracultura como locus da transgressão, do delírio e do "transe", através das experiências da droga e do sexo.³

³ Castro, 1997. Culto ao corpo, modernidade e mídia

Com o passar dos anos a corporeidade alcança uma dimensão até então nunca alcançada, pois se antes os cuidados com o corpo visavam a sua exposição durante o verão, a partir da década de oitenta as práticas físicas passam a ser mais regulares e cotidianas, expressando-se na proliferação das academias de ginástica por todos os centros urbanos.

Segundo Castro (1997), as sociedades contemporâneas foram intensificando a preocupação com o corpo e uma das possíveis hipóteses está ligada à própria história da moda, que pode ser entendida como as imagens sociais do corpo, o espelho de uma determinada época. Gradualmente, a flexibilidade no vestuário vai ganhando espaço frente à rigidez. Os homens passam a usar colarinhos mais flexíveis e chapéus de feltro moles no lugar dos colarinhos duros e chapéus rígidos, enquanto as mulheres vão abandonando os corpetes e as cintas, que cedem lugar a calcinhas e sutiãs. As saias vão se encurtando, as meias valorizam as pernas e os tecidos pesados vão sendo substituídos por mais macios que salientam as curvas do corpo.

O vestuário no século XX tem sido marcado pelo desnudamento e flexibilidade cada vez maiores, a aparência física passa a depender cada vez mais do corpo e cuidar dele torna-se uma necessidade, pois cuidar do corpo é prepará-lo para ser mostrado. Segundo Castro (1997), o desnudamento do corpo não está livre de constrangimentos, conflitos e escândalos: os biquínis nos anos cinquenta geraram muitos conflitos entre pais e filhas; a ousada mini-saia dos anos sessenta escandalizou antes de se tornar moda e o monoquíni dos anos setenta ainda é tabu.

A atual busca de cultivar e modelar o próprio corpo é caracterizada por diversas técnicas corporais legitimadas por nossa sociedade e está localizada dentro de um movimento social mais amplo. Se a modernidade entra numa nova etapa e ganha contornos diferenciados, o mesmo ocorre ao culto ao corpo, ou à relação dos indivíduos com seus

corpos, pois se o desenvolvimento técnico tem tido grande influência sobre a vida social nessa etapa contemporânea da era moderna, o mesmo pode ser dito com relação à corporeidade. A técnica tem causado grande impacto na relação dos indivíduos com seus corpos na sociedade contemporânea. A possibilidade de esculpir-se ou de se desenhar seu próprio corpo se coloca como algo que propicia a cada um estar o mais próximo possível de um padrão de beleza que é estabelecido globalmente; afinal as medidas do mercado da moda são internacionais (Castro, 1997).

A cultura pós-moderna é definida como cultura do narcisismo e do espetáculo, onde a exigência infinita de “performance” e o “parecer” se sobrepõem ao ser. O corpo transformou-se um objeto de apresentação, do ver e do ser visto que, de tanta imagem, tanto espelho, causa à cegueira da razão (Lucia e Pinto, 2003)

É necessário ressaltar a diferença entre cultuar e cultivar o próprio corpo. Cultuar é a preocupação de como o outro te vê, de estar sempre adequado à moda ou regras impostas pelo social, não se refere em cuidar de si mesmo. Já cultivar significa cuidar de si mesmo, favorecendo, afirmando seus próprios valores e escolhas.

O importante dessa diferença é que somente aquele que experimenta a sensação de totalidade em seu desenvolvimento psicológico é capaz de apreciar e cuidar de seus próprios “pedaços” sem medo do caos. Existem pessoas que experienciam problemas na relação com o próprio corpo como transtornos de auto-imagem e auto-estima que podem ser provocados por problemas criados na vida das pessoas pelos mitos e exigências dessa cultura do corpo, por isso sofrem com a falta de unidade e integração (Soares, 2002).

Segundo Soares (2002), Certas formas de relação com o corpo denunciam falhas no desenvolvimento da personalidade, no processo de integração das várias partes que compõem o eu. A ênfase na vida do corpo, cultuando-o, cultivando-o ou modificando-o

pode significar uma tentativa de sentir-se mais real, mais verdadeiro, afirmar a existência quando a vida psíquica não está sendo afirmativa o bastante.

Não podemos negar também que para muitos a plástica, a modelação do corpo, o implante, o silicone trouxeram felicidade e realização, pois só assim se reconheceram como indivíduos apresentáveis à sociedade. Mesmo que por trás de todo esse cuidado com o corpo, o motivo seja o mesmo: ficar mais belo e desejado.

Outra transformação se deu na nova articulação entre o corpo e o mercado. Durante o capitalismo de produção, o corpo entrava no mercado como força de trabalho: tratava-se de, ao comprá-la, encontrar meios de usar ao máximo esta sua capacidade de produzir. Pesquisava-se o corpo como força a ser domada e preservada. Já o nosso mundo caracteriza-se por um capitalismo da super produção, onde o problema é consumir o que se produz em excesso comparado com a necessidade, sendo assim o corpo entra no mercado como capacidade de consumir e ser consumido. O corpo é consumido como imagem bela que se permite vender (Vaz, 2004). Por isso é tão importante um corpo belo, jovem e saudável.

É necessário vestir as roupas da moda, conhecer os lugares da moda. O culto à beleza e a preocupação com os ditames da moda fazem parte do cotidiano, pois em uma sociedade onde ser bonito e estar bem vestido é quase um sinônimo de realização pessoal, sucesso e felicidade, fugir desses padrões é quase uma ameaça.

Nossa sociedade se tornou hedonista onde os bens materiais existem não apenas como utilidade, mas têm valores simbólicos e representações, onde a busca do prazer, inclusive de consumir estão presentes (Lehmann, 2003).

O consumo passa a ser pensado como atividade que provoca prazer e não como o que é ditado pela necessidade, não se consome mais por necessidade de comer, de se vestir,

mas pelo prazer que essas ações lhe dão. O corpo é tido como uma máquina de prazer e dor, e o que é vendido a esse corpo é a possibilidade de se permanecer vivo e belo, vendendo juventude, bem estar e beleza. O corpo consome principalmente a si mesmo (Vaz, 2004).

O eixo civilizatório eleito no Ocidente gerou a construção de uma expectativa de corpo fundamentada no reforço de um sentimento contraditório que se vê explodir na atualidade: dominar o corpo e, ao mesmo tempo, libertá-lo; subjugá-lo e depender dele para sua felicidade; acreditar na superioridade e na independência da mente, mas se submeter aos rituais necessários ao corpo em forma (Silva, 1999). Negando o corpo real e buscando a modelagem de um corpo ideal, que não envelheça, pois a humanidade se recusa a aceitar sua debilidade e o destino de que sua vida vai acabar. Isso se torna uma angústia principalmente para aqueles que o uso do corpo é seu principal capital, aquele onde o corpo é tudo como para os profissionais e amadores do sexo e todos aqueles que veneram a aparência e a boa e bem condicionada forma física e estética.

Modismos exóticos e rebeldia juvenil levam pessoas a realizar transformações profundas no próprio corpo para chocar a sociedade, baseados em rituais de prazer e dor, e em experiências estéticas radicais. O corpo passa por modificações como tatuagens, piercings e implantes proporcionados pelas novas tecnologias, cirurgias e processos de embelezamento para reestruturação e redesenho do corpo humano, alterando o contorno de seus corpos por meio de implantes estéticos para atingir os padrões de beleza.

O que está acontecendo é uma retomada de práticas milenares, rituais antigos dos povos primitivos de marcar no corpo a passagem de fases do desenvolvimento de acordo com aquela sociedade onde se está inserido, como os rituais de passagem que tinham que ser um procedimento físico, que causasse dor e deixasse uma marca no corpo. Hoje as marcas têm o caráter de perpetuar um momento, uma viagem, um relacionamento, onde a

memória fica estampada no corpo, um diário presente no corpo o tempo todo (Gonçalves, 1994).

O envelhecer e a morte do corpo

A imagem do corpo é própria de cada sujeito estando ligada a sua história e apresentando-se como síntese das experiências relacionais do sujeito. É eminentemente inconsciente; pois estrutura-se através da relação entre sujeitos e é nela que se inscrevem as experiências relacionais, que não são da mera ordem da necessidade, mas fundamentalmente do desejo (Goldfard, 1998).

O envelhecimento de um indivíduo está associado a um processo biológico de declínio das capacidades físicas, relacionado a novas fragilidades psicológicas e comportamentais. Então, o estar saudável em uma de suas perspectivas, deixa de ser relacionado à idade cronológica e passa a ser entendido como a capacidade do organismo de responder às necessidades da vida cotidiana, a capacidade e motivação física e psicológica para continuar na busca de objetivos e de novas conquistas pessoais e familiares.

A revelação do envelhecimento, ou melhor, a descoberta do primeiro sinal que marca o tempo no corpo traz a estranheza de se descobrir como um outro. Esta descoberta, segundo Corrêa (2005), é uma espécie de reedição do Estádio do Espelho⁴, conforme Lacan, nesta re-experiência do espelho o sujeito se descobre modificado pelos

⁴ Expressão cunhada por Jaques Lacan, em 1936, para designar um momento psíquico e ontológico da evolução humana, situado entre os primeiros seis e dezoito meses de vida, durante o qual a criança antecipa o domínio sobre sua unidade corporal através de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção de sua própria imagem num espelho. (Roudinesco, 1998, p.194)

irremediáveis sinais do tempo. É o outro do espelho quem denuncia sua condição de quem não pode mais satisfazer o outro e assim a idade se transforma em angústia. O sujeito constrói portanto, a sua realidade a partir do encontro com sua imagem no espelho.

A velhice, a decadência e a finitude são mais aspectos percebidos pelos outros do que pelo próprio sujeito que envelhece. É o olhar do outro que aponta nosso envelhecimento. Assim, o velho será sempre o outro, e trataremos de representar o que somos através da visão que os outros têm de nós (Goldfard, 1998).

Quando um idoso se olha no espelho, o que este lhe devolve é uma imagem ligada a uma deterioração, uma imagem com a qual ele não se identifica. Não há júbilo nem alegria, há apenas estranheza, e ele pensa: “esse não sou eu”. Uma discrepância entre imagem inconsciente do corpo e a imagem que o espelho lhe devolve (Goldfard, 1998).

A antecipação do envelhecimento encontra seu reflexo no espelho sob a forma de um eu de feiúra que é rejeitado (“esse não sou eu”) e que pode se manifestar desde uma simples estranheza até um verdadeiro horror. Ou seja, instala-se uma tensão entre o Eu Ideal e o Eu que deve ser regulada pelo Ideal do Eu⁵, que, como instancia representante do social e seus discursos, pode não estar outorgando ao sujeito que envelhece um lugar de reconhecimento, o Ideal do Eu não tem como sustentar sua função reguladora. Junto com a queda do Eu Ideal, desabarão outras imagens narcísicas de onipotência, perfeição e sabedoria, que darão sua carga de castração, desmembramento e aniquilação. A tensão agressiva, voltada contra si próprio, e sem uma função reguladora adequada, pode precipitar ao sujeito nas patologias da velhice, que irão desde a simples depressão até a demência, dependendo sempre da singularidade de cada estrutura (Goldfard, 1998).

⁵ Sigmund Freud utilizou essa expressão para designar o modelo de referência do eu, simultaneamente substituto do narcisismo período da infância e produto da identificação com as figuras parentais e seus substitutos sócias (Roudinesco, 1998, p. 362).

A exaltação do discurso de da juventude e da produtividade propõe um modelo desvalorizado com o qual o velho se identifica, anulando sua condição desejante e seus direitos de cidadania. Então, a falta de um reconhecimento social para a velhice, a falta de um lugar simbólico, a fato de não mais ser fonte de prazer, resulta numa desnarcisação do sujeito, ou seja, numa falta de investimento do ambiente em direção a esse sujeito, e vice-versa, o que impede a elaboração de perda e provoca um crescente empobrecimento da vida afetiva. Frequentemente, a resposta a este processo é a depressão ou a demência como defesa (Goldfard, 1998).

Na velhice perde-se a beleza física padronizada pelos modelos atuais, a saúde plena, o trabalho, os colegas de tantos anos, os amigos, a família, o bem-estar econômico e, fundamentalmente, a extensão infinita do futuro; e embora a qualidade de vida seja preservada não pode ser evitado o sentimento de finitude que inexoravelmente se instala. A consciência da própria deterioração põe fim à onipotência. Despojado da beleza e da saúde da juventude, de sua capacidade de produtor de bens e de reprodutor de vida, o corpo, em declínio, acaba com a fantasia de imutabilidade e imortabilidade (Goldfard, 1998).

A questão da morte está presente em todos os momentos, nas mitologias, no ritual, no inconsciente. Ela é banida das conversas, obscurecida por metáforas e escondida das crianças, a quem é negado o conhecimento da realidade da morte em seus círculos familiares. Os velhos também são afastados por serem seres enrugados, curvados, decrepitos, capazes de transmitir a idéia de decadência e morte. Por isso os idosos buscam parecer-se mais jovens em seus estilos de vida, praticando esportes, vestindo-se de acordo com a moda e cada vez mais frequentando salões de dança.

Cada sociedade dá a morte o seu significado próprio, mas todas elas respondem ao problema da morte do símbolo que o corpo é. O que se teme na morte é exatamente o que

ela tem de morte, por isso se procura em dar ao cadáver a aparência de vida, vestindo-o, maquiando-o, dando-lhe uma boa aparência (Rodrigues, 1986).

II. OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo analisar e compreender porque a sociedade contemporânea parece tão preocupada com a imagem e o envelhecimento do corpo, com o processo de envelhecer e morrer, e principalmente, a angústia recorrente desse processo. Paralelo a esta questão, este trabalho busca identificar e interpretar as idéias contemporâneas sobre o corpo, envelhecimento e rejuvenescimento a partir do papel na construção deste imaginário.

III. JUSTIFICATIVA

A preocupação com o corpo parece ser uma das mais importantes características da sociedade moderna. A busca por uma saúde perfeita, por um corpo perfeito, que preserve suas características e qualidades, que não se desgaste e envelheça com o passar dos anos, é uma queixa freqüente ultimamente na clínica psicológica. Muitas pessoas não querem ver seu corpo se deteriorando e a beleza da juventude se esvaindo, ainda mais porque dia após dia somos bombardeados por milhares de imagens, anúncios e propagandas, que nos lembram do valor e da importância de ser jovem, bonito e saudável.

A cada dia, surgem novos sistemas de crenças ou representações sociais relativas ao corpo, com um valor utópico, baseado em valores provenientes da tecnologia e da ciência, principalmente da medicina, e da indústria de cosméticos.

A população está cada vez mais preocupada com a aparência estética, as pessoas querem ficar mais bonitas, parecendo modelos de moda e cada vez mais jovens ou pelo menos com aparência de mais jovem.

Existe uma grande obsessão por dietas, exercícios físicos, condutas saudáveis e aprovadas pela medicina, que parece negar o corpo real, pela busca de sua modelagem com plásticas, próteses e implantes de silicone, na intenção de atingir um corpo perfeito que não envelheça, podendo assim ser um eterno portador e receptor de prazer e de uma vida que não deve acabar.

IV. METODOLOGIA

Foram realizadas leitura de livros, trabalhos, teses e artigos científicos, relacionados com o assunto, publicados em periódicos, revistas ou disponibilizados na internet; e textos de psicanálise como embasamento teórico. Deste material resultaram resenhas e fichamentos sobre o tema abordado, que depois foram utilizados na elaboração de um trabalho de conclusão da pesquisa.

Posteriormente foi realizado uma análise do conteúdo do material impresso – matérias e artigos - sobre o tema, imagem do corpo e envelhecimento/rejuvenescimento. Como material para análise desse fenômeno nos meios de comunicação em massa, foram utilizados artigos extraídos da revista Veja, publicação semanal da Editora Abril, no período de maio a outubro de 2004 (exemplares do número 18 ao 43). Nesses artigos foram analisados os tipos de imagem e concepção de corpo, vida e saúde que estão sendo veiculadas, e o que isso influência na ansiedade e no medo de envelhecer e morrer.

Foram selecionadas para análise as matérias que apresentavam como foco idealizações ou modificações no comportamento para aumentar a longevidade ou que abordavam modificações corporais com intuito estético, na intenção de melhorar a aparência, a imagem do indivíduo. Não foram incluídas na análise matérias que apresentavam como foco modificações funcionais e reparadoras do corpo ou do comportamento.

V. RESULTADOS

Foram encontradas 48 matérias publicadas referentes ao tema. Essas reportagens foram divididas em dois grandes grupos, onde se pode verificar o foco dos artigos relacionados à longevidade e a estética. A porcentagem de matérias relacionadas à longevidade foi de 52,1% contra 47,9% para as matérias relacionadas com estética. Esses dois grandes grupos foram posteriormente subdivididos para melhor visualização e análise dos temas tratados.

As matérias foram tabuladas de acordo com os assuntos que tratavam, podendo assim uma matéria se enquadrar em mais de um assunto, por isso tabulada em mais de um dos temas estabelecidos nas porcentagens.

Longevidade: (maior expectativa de vida com qualidade)

As reportagens analisadas apresentaram como principais explicações ou solução para a questão da longevidade a herança genética apresentada pelo indivíduo como também seu estilo de vida que engloba alimentação balanceada, prática de exercícios físicos e o ambiente em que vive. Outros fatores apontados foram os avanços da medicina, com novos medicamentos mais potentes e eficazes, a melhoria na qualidade de vida e melhoria da condição social dessa população que está ficando mais velha.

Das matérias previamente categorizadas como se tratando de temas relacionados com a longevidade, a maioria dos artigos (52,0%) apresentavam a indicações de medicamentos, ou a divulgação de novos medicamentos. 28,0% dos artigos traziam como foco o envelhecimento e rejuvenescimento, explicando principalmente como envelhecer

bem, com saúde, e maneiras de rejuvenescer, que estavam ligadas à conduta e mudança de comportamento.

Os males do coração aparecem em 28,0% das matérias, onde estão incluídos meios de tratamento, causa da doença, efeitos colaterais e herança genética.

Dos artigos, 16,0% apresentavam métodos de tratamento para determinadas patologias, sendo mais especificamente 8,0% das notícias abordando tratamento cirúrgico e 8,0% abordando tratamento medicamentoso.

Das enfermidades consideradas contemporâneas à obesidade aparece como foco em 16,0% das matérias e a depressão em 12,0% . Matérias que falam sobre hábitos “não saudáveis” da sociedade moderna somam 12,0%. Por hábitos não saudáveis entende-se, má alimentação, excesso de peso e sedentarismo, decorrente da falta de prática de exercícios físicos. Essa mesma porcentagem aparece também para os artigos que trazem a dieta e alimentação como foco das matérias.

Dos artigos 12,0% apresentam condutas para a melhoria na qualidade de vida, através de uma alimentação funcional e a prática de exercícios físicos para uma vida mais saudável e que retarde o envelhecimento. Artigos que abordam a questão do exercício físico são 8,0% e também a mesma porcentagem aparece para os artigos relacionados com o stress e o colesterol.

O câncer aparece em 8,0% das matérias e apenas 4,0% dos artigos tratavam de uma doença específica, como a Aids, essa mesma porcentagem aparece também para diabetes, hipertensão, asma, artrose e cegueira. Essas eram matérias bem específicas que falavam sobre uma determinada doença e buscavam apontar soluções para o problema através da indicação de algum medicamento ou tratamento específico.

Estética:

Das matérias previamente categorizadas como relacionadas à estética, 26,1% dos artigos apresentam a prescrição de algum tipo de medicamento utilizado para tratamentos com finalidade estética.

Questões relacionadas à dieta e alimentação, como má alimentação, cardápios balanceados e redução calórica aparecem em 21,7% das matérias selecionadas. A obesidade, mais voltada para a questão da aparência física, aparece como foco de 17,4% das notícias.

Os hábitos “não saudáveis” da cultura contemporânea, que englobam, má alimentação, excesso de peso e sedentarismo como problemas que influenciam na estética das pessoas somam 17,4% dos artigos. Essa mesma porcentagem aparece em artigos que enfocam os produtos de beleza como soluções para o cuidado com o corpo e da aparência.

Na questão sobre tratamentos, 17,4% dos artigos, apresentam tratamentos não cirúrgicos, como aplicações para acabar com as varizes e outros procedimentos como lente para corrigir miopia; como meio de se alcançar o efeito estético desejado, e 13,0% apresentam como solução para os problemas estéticos o tratamento cirúrgico através de cirurgias plásticas que provocam as transformações visuais desejadas. Também 13,0% das matérias abordam a questão do exercício físico como meio para adquirir a forma física desejada.

VI. DISCUSSÃO

A crescente preocupação com o corpo e a busca por uma saúde perfeita, por um corpo perfeito, que não se desgaste e envelheça com o passar dos anos, é uma das principais demandas que constituem a clínica em psicologia da atualidade abrangendo uma diversidade de queixas que envolvem diretamente o corpo e uma tendência de alguns pacientes a se submeterem a intervenções cirúrgicas estéticas.

Freud em 1937 afirma que: " O aparelho psíquico não tolera o desprazer; tem de desviá-lo a todo custo, e se a percepção da realidade acarreta desprazer, essa percepção, isto é, a verdade, deve ser sacrificada.(...) E por essa razão, os mecanismos defensivos do ego estão condenados a falsificar nossa percepção interna e a nos dar somente uma representação imperfeita e deformada de nosso próprio Id". Fica evidente, então, o quanto a percepção, interna ou externa, está submetida aos meandros do prazer/desprazer, revelando, assim, o reinado da subjetividade, mesmo quando se trata de operações claramente ligadas à consciência, como é o caso da percepção que temos de nos mesmos (Fernandes, 2004).

A modernidade nos trouxe a liberdade do espírito, onde o sujeito goza como nunca das liberdades e ao mesmo tempo tenta curar-se dos seus excessos. Formas internas mal delimitadas, sem o lastro das nítidas identificações tradicionais, se encontram com o excesso de possibilidades de realizações oferecidas como imagens e o indivíduo tentando salvar o que resta da sua singularidade, que como nunca parece buscar consistência na aparência. No plano físico fica a marca de um esforço: o corpo "malhado", com volume e contornos nítidos (Lago, 1999). Parece existir uma necessidade de se exibir os contornos,

peso e volume dos músculos, remetendo o corpo às suas proporções clássicas, heróicas; um corpo forte e sadio.

A moderna tecnologia com a produção em massa e com os poderosos mecanismos de comunicação, traz consigo a padronização de gostos e hábitos, homogeneizando os indivíduos, o que se revela no comportamento corporal, na concepção e no tratamento do corpo, com os modismos relativos a se vestir e a tratar do corpo.

Para isso a publicidade utiliza em inúmeras propagandas os produtos associados a um corpo saudável, que muitas vezes aparece como um objeto sexual, onde o objetivo é ligar o produto a ser consumido com momentos de prazer erótico. O corpo é negado em sua realidade. Busca-se um ideal de perfeição apontado pela mídia e pela ciência. A cada dia surgem tratamentos, medicamentos, alimentos, modalidades de exercícios e conselhos que prometem um corpo ideal. Tudo isso demanda dedicação e dinheiro.

Essa preocupação excessiva com o corpo faz proliferar academias de ginástica, musculação, dança, ioga, como também aparecem novas literaturas a respeito da saúde fisiológica, da sexualidade e da beleza estética do corpo.

Pode-se identificar os anos 60-70 como o apogeu do culto ao corpo, a magreza; como uma nova ordem onde impera o belo, e a busca por um padrão ideal de beleza. Isso se deu devido à subjetividade produzida pelo movimento modernista e outros agentes como a psicanálise, a crise da família e de outros tradicionais produtores da subjetividade, tais como a escola e a Igreja. Podemos também acrescentar-se o aparecimento de uma rede globalizante de meios de comunicação, principalmente a TV, e outras tecnologias da imagem a serviço da publicidade e do consumo, como propagandas e outdoors, forma-se um quadro razoavelmente preciso dos agentes de mudança de mentalidade e de sustentação da subjetividade contemporânea (Lago, 1999).

Nas últimas décadas do século XX e início do XXI, um novo mal estar começa a tomar conta da civilização. São enfermidades decorrentes do que se pode chamar de culto ao corpo, como a anorexia, a bulimia e a vigorexia. A busca desenfreada pela estética do corpo perfeito direcionado aos valores sociais traduz-se na mulher, pelo corpo delgado, e no homem pela musculatura bem definida, como cultura do ideal de beleza. Na contemporaneidade, o mito de que a mulher magra expressa o ideal de beleza, se constrói e se propaga rapidamente através da mídia que elege as top-model, como modelos estéticos, vinculando a beleza do corpo a uma valorização excessiva, que incita o jovem à imitação (Ramirez, 2005), como pode ser observado na reportagem “Mudança Radical” e “Miss Bisturi” (Anexo I) onde mulheres fazem inúmeras plásticas com corpos esculturais com as Miss.

Hoje, são os meios de comunicação e a moda que ditam o conceito de beleza do momento, bombardeando as pessoas com a promoção de corpos esguios ou muito bem malhados, que passam a fazer parte dos sonhos das crianças, adolescentes e adultos desta geração. Assim como, as indústrias de bem de consumo também tem criado e produzido cada vez mais novidades prometendo esses corpos de forma muito rápida e que não exijam tanto esforço pessoal, as pesquisas científicas tem avançado muito neste campo, com a invenção de novos métodos de tratamentos e novos medicamentos, como apontados nas reportagens analisadas, “Espeta, amassa”; “Ataque as varizes”; “Elas não desistem”(Anexo I).

Se, por um lado, os avanços da ciência trouxeram uma melhor qualidade de vida, por outro lado, estamos sendo empurrados a procedimentos e condutas que nos impõem a obrigação de não adoecer, não envelhecer e não sofrer.

É imperativo não adoecer, não envelhecer, não sofrer. É necessário travar uma briga contra o tempo, o corpo, a doença e, principalmente, contra a morte. Numa sociedade em que um corpo sempre jovem e perfeito é sinônimo de felicidade e plenitude.

São os imperativos culturais que modelam e legitimam o corpo como signo de beleza. A máquina publicitária endossa, universaliza e constrói os estereótipos que passam a ser referências, como exemplificado na reportagem “A importância da beleza” (Anexo I). Mantida pela indústria da autocorreção que trata e modifica o corpo, envolvendo desde os cosméticos às academias, da vestimenta à alimentação (light, diet ou soft), da medicina que detêm o mais alto poder estético, o de acrescentar ou tirar um pedaço aqui outro lá, todos estes tratamentos são disponíveis no mercado e dependem de recursos econômicos e culturais (Ramirez, 2005), como demonstrado nas reportagens “Miss bisturi”, “Mudança Radical” e “Anônimos com cara de famosos” (Anexo I).

O corpo se constitui num paradigma fundamental. Corpo por onde circulam nossos conflitos pulsionais, onde nossas representações recalcadas são traduzidas por onde expressamos nossas emoções, nossos apetites e nossas trocas com o mundo. Corpo que ao mesmo tempo é objeto de nossa estima mas que também é objeto e fonte de uma insatisfação permanente (Messina, 2003). Esse fenômeno está muito bem representado nas matérias analisadas que trazem como solução para esses problemas, plásticas, tratamento medicamentoso e dietas para melhorar a imagem que temos de nos mesmos; pois parece que não mais conseguimos pensar no corpo como algo velho, flácido, enrugado e caído, nesse tempo onde o que vigora é cada vez mais um apelo à cultura do corpo, uma idolatria que nos vende o tempo todo.

A Medicina por sua vez, como relatado nos resultados, através dos tratamentos cirúrgicos (estéticos), não cirúrgicos e também com os medicamentos, oferece a

possibilidade de retardar ou evitar o processo do envelhecimento, como exemplificado nas reportagens “Plástica da voz”, “Com mais de 50 anos e com AIDS” (anexo I). Por temer a velhice, é cada vez maior o número de pessoas que buscam esses recursos ao perceberem os primeiros sinais de idade. Esse fato faz com que se perca um pouco o senso do que seja envelhecer, ao mesmo tempo em que produz uma nova configuração corporal, que altera a imagem do sujeito velho, sua semelhança familiar, suas características herdadas, suas marcas vitais, numa busca por substituir um traço individual por um outro idealizado diferente do seu.

Breton (2001), afirma que, “o homem existe através das formas corporais que o inserem ao mundo e que qualquer modificação de sua forma implica outra definição da sua humanidade. Se suas fronteiras são traçadas pela carne que o compõe cortar-lhe ou acrescentar-lhe outros componentes metamorfoseia a sua identidade pessoal.”

É através de nossa experiência pessoal, da relação de nosso corpo com outros corpos que construímos nossa imagem corporal, estruturamos nossa auto-imagem através dos sentimentos que fazem conflito ou conciliam-se com a imagem que nos é imposta de um corpo perfeito.

Na verdade o que parece se buscar na contemporaneidade é uma imagem corporal segundo um modelo de um corpo jovem e de atividade, com uma temporalidade própria, de movimentos rápidos resistentes ao envelhecimento, a transformação que representam apenas uma ilusão de juventude eterna.

Mas o culto do corpo também tem seu ponto positivo já que hoje nossa sociedade se tornou sedentária e passa horas diante do computador ou sentada atrás de uma mesa de escritório, e nossa alimentação é pouco balanceada principalmente daqueles que se alimentam de *fast food* e congelados, para esses a academia se tornou um ótimo meio de

modificar a rotina sedentária, se exercitando e gastando as energias acumuladas, como exemplificado nas reportagens “Meia hora de exercício e pronto” e “Em forma para o verão” (Anexo I), que mostra uma crescente busca pelas academias e uma rotina de exercícios para as pessoas que dizem não terem tempo.

Contudo alguns cuidados devem ser tomados para evitar o excesso, pois a obsessão pela magreza pode levar a problemas como uma compulsão excessiva pela prática de exercícios e dietas como também pode acarretar em transtornos alimentares como a anorexia e bulimia, além de distorções da auto-imagem e prejuízos nas relações sociais.

As compulsões ou comportamentos compulsivos são hábitos praticados e seguidos por alguma gratificação emocional, normalmente um alívio de ansiedade e/ou angústia, muitas vezes são hábitos mal adaptativos que já foram executados inúmeras vezes e acontecem quase automaticamente. Esses comportamentos são mal adaptativos porque, apesar de terem o objetivo de proporcionar algum alívio de tensões emocionais, normalmente não se adaptam ao bem estar mental, ao conforto físico e à adaptação social podendo causar perturbações. Geralmente são repetitivos e por se apresentarem de forma freqüente e excessiva na intenção de enfrentamento da ansiedade e/ou angústia, podem trazer conseqüências físicas, psicológicas e sociais graves.

As pessoas que sofrem dessas compulsões sentem um desconforto emocional se não fizerem esses comportamentos, apresentam grande angústia ou ansiedade na ausência ou na impossibilidade em realizar a atividade compulsiva. Socialmente a ocorrência de tais comportamentos pode resultar em prejuízo no trabalho, na conclusão de tarefas, na liberdade de sair de casa, na vergonha do contacto com outras pessoas, entre outros.

Já os transtornos alimentares se tornaram hoje quase que uma epidemia que assola as sociedades industrializadas e desenvolvidas acometendo, crianças, adolescentes e

adultos, pois vivemos em uma sociedade que cultua a magreza, e assim, comer, que era um comportamento universalmente tido como prazeroso, tornou-se alvo de preocupação para muitas pessoas sendo difícil usufruir deste prazer sem sentir-se fora dos padrões sociais de saúde e beleza caracterizada por essa obsessão pela perfeição do corpo, como relatado na reportagem “Os cariocas na balança” (Anexo I).

Essa obsessão está atingindo uma população preocupada com a perfeição do corpo e que está sendo afetada por alterações psíquicas caracterizadas por distúrbios na representação pessoal do esquema corporal. Essa busca obsessiva da perfeição do corpo tem várias formas de se manifestar seja através da anorexia e bulimia, seja através de uma imagem deturpada sobre o corpo, com a distorção da auto-imagem, mas o que todos esses transtornos tem em comum é o desejo por uma imagem corporal. Pode-se dizer que boa parte dos transtornos alimentares como a anorexia e a bulimia, principalmente entre a população jovem, devesse ser considerada também no seu contexto cultural, se tomássemos estas manifestações sintomáticas, como consequência do exagero, do fora do limite, da extrapolação da cultura que as ofertas como promessa de satisfação daquilo que falta, levando o sujeito a consumir o seu próprio corpo.

Isto ocorre porque, nas últimas décadas, ser fisicamente perfeito tem se convertido num dos objetivos principais, é uma meta imposta por novos modelos de vida, nos quais o aspecto físico parece ser o único sinônimo válido para a realização, felicidade e saúde.

Nessa era da magreza provocada e globalizada, ser gordo, apresentar barriga, pelancas, ou quaisquer glândulas adiposas é praticamente um crime. E para manter o consumidor sempre em forma, a indústria dos bens de consumo mundial lançou a moda do natural e do light, com várias linhas de produtos, passando pelo pão integral, refrigerantes diet e light e adoçantes, o que também fez aumentar a produção e consumo de frangos e

peixes; pois carnes brancas são muito melhores para a saúde. Como exemplo disso podemos observar as matérias “Light, agora para criança” e “A prova dos trigos” (Anexo I).

O obeso já foi visto como um transgressor e estigmatizado no século XIX e posteriormente a obesidade foi sendo medicalizada e as pessoas com excesso de peso passaram a ser vistas como vítimas de sua doença. A vitimação do obeso como doente também foi acompanhada de um discurso de vitimação social; enfoque este ainda dominante em diversos estudos, como pode se observada na reportagem “A insustentável leveza do pop” (Anexo I) onde o cantor Léo Jaime desabafa que na mídia a imagem é super valorizada e ele por ter um problema de saúde e não conseguir emagrecer acabou sendo excluído.

Não podemos esquecer que hoje o que é considerado gordo e magro em nossa sociedade tem mais a ver com a moda do que com os riscos médicos para a saúde. A obesidade, que é um excesso de peso que foge do que é considerado saudável, é hoje um problema de saúde pública; uma epidemia global, causando aumento de doenças associadas bem como aumento no índice de mortalidade, como relatado na reportagem “É fácil evitar que ele engorde” (Anexo I).

A obesidade é apontada como constituinte de um fator de risco para problemas cardíacos, assim como o fumo, o colesterol elevado e a hipertensão; como relatado no artigo “Duplo poder de fogo” (Anexo I), e os principais problemas relacionados com a obesidade são: a deterioração da função cardíaca devido a um aumento do trabalho mecânico do coração, como apontado na reportagem “Ataque fulminante” (Anexo I); hipertensão, como descrito na matéria “Prevenção desde criança” (Anexo I); diabetes; doenças renais; doenças da vesícula; doenças pulmonares devido ao maior esforço para

movimentar a parede torácica; problemas de administração de anestésicos durante as cirurgias; como também um sofrimento psíquico devido ao padrão estético vigente.

A estética do padrão ideal do corpo busca a forma do belo, do socialmente aceito, admirado. Tal estetização é estilizada conforme traços étnicos, culturais e sociais da sociedade onde o indivíduo está inserido. O belo é imaginário enquanto significante destes segmentos, e como exemplo, podemos apontar o mito da eterna juventude, que se manifesta principalmente na tentativa de manter o corpo jovem através da alimentação específica, ginástica e regimes; tudo isso na obsessão em retardar o envelhecimento, como está muito bem representado na maioria das reportagens analisadas, como “Viver mais e melhor”, “Vinho e saúde”, “O menu que prolonga a juventude” (Anexo I). A tentativa de imortalizar o corpo, acaba com as barreiras do espaço-tempo, no sentido físico, e reforça o culto ao antropocentrismo: a verdade deve passar pelo homem, que usa como suporte o tecnicismo, substituindo o psíquico pelo físico (Azevedo, 2005).

O rosto também é representativo de um corpo que intermedia a realidade do mundo e nossa realidade imaginária; ele faz parte da existência, é produto dela interna e externamente. Existência que se manifesta nos modos e estilos de vida, onde interatuam os fatores econômicos, políticos, culturais, bem como os pequenos fatos da existência cotidiana (Lehmann, 2003), como exemplo disso podemos citar a reportagem “Anônimos com cara de famosos” (Anexo I), que apresentam pessoas que se achavam feias ou que queriam ficar parecidas com seu ídolo e se submeteram a longos e dolorosos processos cirúrgicos para ficarem mais bonitos e parecendo com seu ídolo.

Nessa busca pelo ideal de beleza, muitos fazem dieta e vão malhar nas academias, e na opção pela magreza, perseguem o belo como a única saída para as angústias do dia a dia,

e afastamento do mal-estar, numa tentativa vã de denegação da única certeza do ser humano: o perecimento (Azevedo, 2005).

O sujeito que envelhece se deprime, diante do espelho, antecipando a decrepitude da velhice e a finitude da morte. O envelhecimento anuncia-se em termos de estética, bem antes de a velhice chegar, assiste-se impotente às modificações corporais. A velhice não tem idade fixa ou conveniente para começar, e cada sujeito inaugura o “tempo de ser velho” quando esse é imposto, e opera como ele de acordo com aquilo que sua própria história lhe determina. Mas é aqui que reside o cerne da questão: o espelho, a aposentadoria, uma doença ou uma perda anunciam a velhice, não a morte, e a vida pode se estender por muito tempo ainda (Goldfard, 1998).

VII. CONCLUSÃO

O mito da eterna juventude, que se manifesta principalmente na tentativa de manter o corpo jovem através da alimentação específica, ginástica e regimes; é um tema atual que está sendo muito discutido e alvo de queixas na clínica psicológica. Aparece no discurso contemporânea o desejo de não querer ficar velho, e a busca por “corpos malhados”, “musculosos”, que não se desgastem e envelheçam com o passar dos anos. Sempre bonitos e com a saúde perfeita não importando a idade, como meio para chamar a atenção não só de parceiros sexuais, mas também para atrair todos os olhares por onde passam.

Esse ideal de beleza promoveu um crescimento da indústria de cosméticos e de cirurgias plásticas, assim como impulsionou os avanços da medicina nessa área que revelou novas formas de tratamento, menos agressivas, mais rápidas e práticas, tudo isso na obsessão em retardar o envelhecimento, como está muito bem representado na maioria das reportagens analisadas.

São os meios de comunicação e a moda que ditam o conceito de beleza do momento, bombardeando as pessoas com a promoção de corpos esguios ou musculosos. Como podemos observar nas reportagens que foram analisadas, em 26 exemplares da revista utilizada foram coletados 48 reportagens que traziam como foco a imagem do corpo, o envelhecimento, longevidade e estética.

Essa obsessão por dietas, exercícios físicos, condutas saudáveis e aprovadas pela medicina, parece negar o corpo real, substituído pela busca de sua modelagem com plásticas, próteses e implantes de silicone, na intenção de atingir um corpo perfeito que não

envelheça, podendo assim ser um eterno portador e receptor de prazer e de uma vida que não deve acabar.

Contudo, esta busca dificulta a capacidade das pessoas de perceber que ao invés de buscar um corpo perfeito, praticamente inalcançável, impossível de se construir, estes deveriam buscar um estilo de vida saudável com alimentação balanceada e prática regular de exercícios físicos sem exageros. Isto resulta muitas vezes em uma frustração por não conseguir atingir o modelo de beleza vigente, o que reduz a auto-estima, e a possibilidade de conseguir enxergar outras perspectivas de serem felizes. Na clínica, este fracasso, a sensação de sonho não atingido, gera o surgimento de sintomas de ansiedade e depressão.

Manter uma alimentação equilibrada e atividade física regular deveria ser uma questão de saúde e não de estética. A estética é muito importante enquanto for vista como forma de melhorar a auto-estima e sentir-se confortável com o corpo que tem. E isto não tem necessariamente a ver com corpos magérrimos ou musculosos, impossíveis de serem atingidos.

Também é importante lembrar que o envelhecimento é um processo singular e que sua determinação se dá a nível simbólico. Portanto, vão sempre existir velhices diferenciadas independente do contexto político social em que estejam inseridas.

O velho é sempre o outro em que não nos reconhecemos. A imagem da velhice parece estar “fora”, do outro lado, e embora saibamos que “aquela” é a nossa imagem, nos produz uma impressão de inquietante estranheza, porque a imagem no espelho não corresponde mais à imagem de memória; a imagem do espelho antecipa ou confirma a velhice, enquanto

a imagem da memória quer ser uma imagem idealizada que remete à familiaridade do Eu especular (Goldfard, 1998).

Isso se dá porque o indivíduo que envelhece não se reconhece mais no rosto que vê refletido, não por ignorância de não saber que aquela imagem lhe pertence, mas por uma certa estranheza, como se aquela imagem fosse de outro, a representação da sua face ficou perdida.

Atualmente, o tempo de ser velho parece chegar cada vez mais tarde, se considerarmos o aumento das expectativas de vida, a economia dos investimentos durante o envelhecimento é altamente influenciada pela singular representação de um corpo que se deteriora e pela consciência de finitude, pois a ciência aumentou os anos de vida, mas a sociedade ainda não se organizou para lhe conceder a qualidade necessária.

Esse trabalho foi produzido no intuito de contribuir com a compreensão de questões sobre a imagem do corpo e a angústia do envelhecimento. Por se tratar de temas relativamente novos, observamos uma escassez na produção científica voltada para o assunto, e por isso também, esse trabalho teve como finalidade minimizar essa escassez e atrair outros olhares para o tema, já que infelizmente não pude abarcar todos os meios de comunicação, divulgação e mídia que poderiam estar abordando esse tema.

VIII. Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, M. A. *Estetização do corpo e o padrão ideal de belo*. In: www.riototal.com.br/coojournal/academicos, acessado em 04/06/2005
- BRETON, D. (2001) *O fim do corpo*. Caderno de Idéias, JB. 17/03/2001
- CASTRO, A. L. (1997) Culto ao corpo, modernidade e mídia. In: *V Encontro de História do Esporte, lazer e Educação*, Maceió. Anais do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação. Maceió: Ed. UFAL.
- CORRÊA, C. P. Visão psicanalítica da idade numerada. In: www.cbp.org.br/artigo3.htm, acessado em 13/08/2005
- FERNANDES, M. H. A hipocondria do sonho e o silêncio dos órgãos. In: www.uol.com.br/percurso/main/pcs23/helenahipocondria.htm, acessado em 10/11/2004
- FREUD, S. (1937) Análise terminável e interminável, vol. XXIII. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras completas de Freud*, Imago, Rio de Janeiro.
- GOLDFARD, D. C. (1998) *Corpo, Tempo e Envelhecimento*. Casa do Psicólogo, São Paulo
- GONÇALVES, M.A. S. (1994) *Sentir, Pensar e Agir*. Papirus, Campinas, SP
- HASSEN, M. de N. A. (2001) Da visita íntima na prisão: a corporalidade negociada. In: *Corpo e Significado. Ensaios de Antropologia Social*, Ed. Universidade, Porto Alegre, 2^a ed.

- LAGO, G.(1999) *Os sarados da contemporaneidade. A instabilidade do Espírito e a estética corporal contemporânea*. In: www.assimcomunicacao.com.br/compos/frm_compos_publicacoes_texto, acessado em 10/11/2004

- LEHMANN, L. M. S.(2003) Faces visíveis da exclusão: um olhar sobre o jovem. In: *Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas – Ano 2, número 02*

- LUCIA, M. C. S. e PINTO, K. O. (2003) Dismorfia Corporal: Sintomas da Realidade? In: *Psicologia Hospitalar*, vol. 1(1): 36-53. São Paulo.

- MARTINS, J. de S. (1999) A dialética do corpo no imaginário popular. In: *Revista Sexta-feira (Antropologia, Arte e Humanidade)*, São Paulo, V. 4, 1999

- MESSINA, M. (2003) *Dimensões do envelhecer na contemporaneidade*. In: *Estados Gerais de Psicanálise: Segundo Encontro Mundial – Rio de Janeiro, 2003*

- RAMIREZ, H. H. A. e col. Transgressão e Corpo: Um caso de anorexia. In: www.pontodestofo.org/estofo/ver.asp?id=3, acessado em 20/08/2005

- RODRIGUES, J. C. (1999) *O corpo na história*. Fiocruz, Rio de Janeiro, 198 p.

- RODRIGUES, J. C. (1986) *Tabu do corpo*. Dois Pontos, Rio de Janeiro, 4^a. ed.

- ROUDINESCO, E. (1998) *Dicionário de Psicanálise*; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro

- SILVA, A. M. (1999) *Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional*. *Cad. CEDES*, ago. 1999, vol.19, no. 48 p. 07-29.

- SOARES Neto, J. F. (2002) Culto do corpo ou cultivo do corpo: Que diferença faz?
In: www.mixbrasil.uol.com.br/id/psi/corpo.htm, visitado em 19/05/2004.

- VAZ, P. *Corpo e risco*. In: www.ipv.pt/forummedia/fi_4html, acessado em 28/05/2004

Anexo I

Longevidade

- Plástica da voz (pág. 79) n° 18

longevidade – envelhecimento – tratamento (aplicações) - medicação

a partir dos 45 anos as cordas vocais sofrem um processo de deterioração, a voz fica fraca, tremida, mais grave nas mulheres e mais aguda nos homens

para mudar isso: fonoaudiologia, que exige tempo e disciplina ou plástica da voz – são feitas aplicações das mesmas substâncias que são usadas para amenizar as rugas e rejuvenescer o rosto, as aplicações podem ser de colágeno, esponja de fibrina, gordura ou ácidos diretamente nas pregas vocais

essas aplicações amenizam a flacidez causada pelo envelhecimento, fazendo com que as cordas se aproximem e vibrem melhor.

- Prozac foi só o começo (pág. 65) n° 19

longevidade – depressão - tratamento – medicamento novo - menos efeitos colaterais – indústria farmacêutica

como 6 entre 10 depressivos abandonam o tratamento antes do tempo, a indústria farmacêutica investe pesado no desenvolvimento de antidepressivos que ajam cada vez mais rápido e com menos efeitos colaterais.

Duloxetine age sobre a serotonina e a noradrenalina substâncias que regulam o humor e as funções cognitivas, ela tem efeitos colaterais menores e as reações adversas são mais brandas e duram por menos tempo (boca seca, constipação, ganho de peso, tontura e náusea e disfunção sexual).

- Perturbação Mental (pág. 140) n° 23

longevidade – depressão – saúde mental

materia ilustrativa de dados de pesquisa da OMS e da Universidade de Harvard, mostrando que o índice de pessoas que sofrem de distúrbios psiquiátricos aumentou

- Termômetro de mama (pág. 73) n° 35

longevidade – prevenção – câncer – pesquisa científica

o nódulo cresce alimentado por oxigênio e nutrientes transportados por vasos sanguíneos criados exclusivamente para sustentá-los, e esse transporte aumenta a temperatura interna da mama.

- Viver mais e melhor (pág. 96) n° 37

longevidade – velhice saudável – envelhecimento – genético e ambiental

promessa da ciência de uma velhice mais saudável e prazerosa, causas do envelhecimento são tanto genéticas (predisposição hereditária) 25%, como ambientais (qualidade de vida) 75%.

- Com mais de 50 anos e com aids (pág. 115) n° 37

longevidade – AIDS - novos medicamentos

novos medicamentos cada vez mais poderosos que diminuem os efeitos da AIDS e aumentam a sobrevivência dos portadores da doença.

- Coleta de Esperança (pág. 73) nº 38

longevidade – leucemia - novo procedimento cirúrgico (transplante)

novo procedimento cirúrgico de transplante de células-tronco de cordão umbilical para o tratamento de leucemia- procedimento mais simples e mais fácil do que transplante de medula óssea.

Avanços da medicina e da genética

- Vinho e saúde (pág. 106) nº 41

longevidade – vinho – melhor qualidade de vida

pesquisas atestam que o vinho faz bem para o coração, não só mas também é capaz de aumentar o colesterol bom, evita a oxidação das células, dilata os vasos e melhora a circulação

tem substâncias que agem como antioxidantes e antiinflamatórias, o resveratrol inibe o desenvolvimento de tumores, protege os neurônios, é um forte antioxidante e antiinflamatório.

Alimentação

- O menu que prolonga a juventude (pág. 96) nº 22

longevidade – alimentação – prevenção – dieta e exercícios (mudança de comportamento)

alimentos funcionais que a medicina afirma que se consumidos em determinadas medidas, previnem e ajudam a curar doenças e a retardar o envelhecimento

dieta funcional, prática de exercícios podem desacelerar o envelhecimento (comportamento)

Obesidade

- Duplo poder de fogo (pág.76) nº 37

longevidade – obesidade – medicamento novo - científico

medicamento novo para emagrecer e parar de fumar, explicação científica (age em um receptor do cérebro- bloqueia)

- Aceita-se menores (pág. 88) nº 29

longevidade – obesidade – sedentarismo – crianças - exercícios – mudança de comportamento

porque as crianças estão ficando obesas e sedentárias, ficando muito tempo na TV, vídeo game e computador, as academias criaram programas de exercícios para crianças para melhorar qualidade de vida

mudança de comportamento- prática de exercícios

Asma

- Falta de ar e de juízo (pág.66) nº 34

longevidade – asma – tratamento – medicamento - genético

Tratamento contínuo para pessoas que sofrem de asma, que é uma doença crônica com componente genético. - genética, melhoria com diagnóstico precoce, tratamento medicamentoso, ambiente, exercícios físicos.

Artrose

- Barricada contra a dor (pág. 72) nº 34

longevidade – artrose – maus hábitos (obesidade e sedentarismo) – novo medicamento

comportamento (maus hábitos) obesidade, sedentarismo, exercício de alto impacto sem orientação adequada e movimentos repetitivos, que levam ao desgaste das cartilagens articulares

novo medicamento para diminuir o ritmo de progressão da doença.

Colesterol e Diabetes

- Estantinas – A grande surpresa da medicina (pág. 84) nº 24

longevidade – colesterol – diabetes – medicamento – indústria farmacêutica

medicamento(dec. de 80) para combater colesterol alto, mas também é eficaz em outras doenças principalmente diabetes (angina, Alzheimer, osteoporose, câncer, esclerose múltipla, distúrbios vasculares), esse medicamento também reduz as incidências de infartos e derrames

ótimo negócio para a indústria farmacêutica 400 mil brasileiros tomam estantina regularmente

Hipertensão

- Prevenção desde criança (pág. 78) nº 22

longevidade – hipertensão – crianças, jovens – sedentarismo e obesidade- medicamentos – indústria farmacêutica

crianças e jovens que desenvolvem hipertensão devido a excesso de peso e sedentarismo, já foi liberada a venda de medicamentos anti-hipertensos para crianças.

Cardiopatia

- Ataque fulminante (pág. 103) nº 20

longevidade - cardiopatia – medicamento novo – colesterol - infartos

novo medicamento para acabar com o colesterol alto que é o maior responsável por infartos e derrames

movimenta cerca de 20 bilhões de dólares/ano

- Dependendo da dose (pág. 72) nº19

longevidade – medicamento – doenças cardiovasculares

estudos demonstram que em 30% dos casos o medicamento a base de ácido acetilsalicílico não protege contra as doenças cardiovasculares
algumas pessoas com o tempo desenvolvem resistência à aspirina e ela deixa de ter efeito, outras não respondem a ação preventiva do remédio
a aspirina tem propriedades analgésicas e antiinflamatórias – prevenção de infartos e derrames
fatores que comprometem o efeito preventivo da aspirina: fatores genéticos, hábitos de vida pouco saudáveis (tabagismo, obesidade, colesterol alto, hipertensão)

- Não é para todos (pág. 80) n° 22

longevidade – cardiopatia – exames clínicos

o teste de eletrocardiograma de esforço (esteira ou bicicleta) é inútil para quem não apresenta fatores de risco cardíaco alto – não há comprovação científica que justifique o teste nesses casos

falsos positivos levam o paciente a fazer exames mais complexos para confirmar o diagnóstico, que não são necessários

-Coração sem medo (pág. 107) n° 26

longevidade – cardiopatia – genética – maus hábitos

comportamento- morte súbita de atletas profissionais que não prestam atenção aos sintomas anteriores como palpitações, desmaios, tontura, falta de ar ao fazer esforços como também antecedentes genéticos

- Feito sob medida (pág. 64) n° 32

longevidade – cardiopatia – negros – medicamento novo

novo medicamento feito especialmente para os negros, para tratar insuficiência cardíaca, porque os negros produzem menos óxido nítrico (científica)

- Faz mal ao coração (pág. 88) n° 40

longevidade – cardiopatia - medicamento – efeitos colaterais

Remédio lançado em 1999 para tratar dor de artrite (antiinflamatório), e que passou a ser receitado para várias dores como cólicas menstruais, desconforto muscular, dor de dente e enxaqueca, foi retirado do mercado porque dobra os riscos de infartos e derrames

Cegueira

- Ensaios contra a cegueira (pág. 69) n° 33

longevidade – cegueira – degeneração macular – indústria farmacêutica

avanço da idade acontece a degeneração macular, que é a camada mais interna do olho responsável pela visão central, percepção das cores e detalhes

laboratórios e empresas de biotecnologia estão buscando substâncias mais eficientes no combate a doença

Explicação científica, interesse de laboratórios

Stress

- O stress que faz bem (pág. 70) n° 20

longevidade – stress – redução calórica – envelhecimento – científico – seleção natural e genes

o álcool, a fome, exercícios físicos, radiação, stress, bactérias tem caráter duplo para o organismo; tônico quando em pequenas moderadas e veneno quando em excesso, pois em pequenas doses o organismo se torna mais resistente. O stress impulsiona o organismo
redução calórica – redução gradativa de comida, desde que não haja escassez de nutrientes, torna a vida mais longa e saudável

explicação científica, avanços da medicina para viver mais e melhor

razões do envelhecimento – seleção natural (elimina traços negativos), genes (na juventude são úteis, mas na velhice causam estragos) maior resistência ao stress, a exposição de substâncias tóxicas e redução calórica

- O preço da dedicação (pág. 106) n° 28

longevidade – stress – cuidador de pessoa doente – desgaste emocional e físico

devido a grande carga de estresse emocional, as pessoas que cuidam de algum doente da família acabam contraindo doenças graves como depressão, baixa do sistema imunológico, pressão alta, insônia e artrite

explicação comportamental, envolvimento e desgaste emocional e físico.

- Ritalina, usos e abusos (pág. 68) n 43

Duas linhas: longevidade – medicação – neurofisiológica, toxocomania

Estética – medicação - dietas

medicamento utilizado para o tratamento de déficit de atenção e hiperatividade

teve consumo redobrado nos últimos dois anos no Brasil, porque o diagnóstico do distúrbio se tornou mais comum

pessoas usam para se manter acordada por longas jornadas de trabalho e estudo (melhorar a concentração e diminuir o cansaço)

jovens usam em busca da euforia química e meninas usam para emagrecer

Estética

- A importância da beleza (pág. 88) n° 21

estética – beleza

hoje a beleza conta muito, não só no amor e no sexo, como também em relacionamentos pessoais e principalmente emprego, os mais bonitos conseguem emprego mais fácil e as vezes têm melhores salários.

Para quem não é tão bonito existem cosméticos e cirurgias plásticas, setor que movimenta muito dinheiro

- Ataque às varizes (pág.109) n° 28

estética – tratamento não cirúrgico – rapidez – genético – cardiovasculares – maus hábitos

método mais rápido e menos agressivo do que uma cirurgia para secar varizes
causa das varizes: genética,excesso de hormônios femininos, problemas cardiovasculares,
gravidez, obesidade e sedentarismo.

- Para além do silicone (pág. 60) nº 32

estética – tratamento não cirúrgico - científico

método para aumentar os seios sem fazer cirurgia , explicação tensão prolongada estimula
as células a se multiplicaram e aa produzir nosso tecido mamário e gorduroso. (científico)

- Espeta, amassa (pág. 63) nº 35

estética – esculpturar o corpo - tratamento

escultura dos corpos - injeção de polifenóis de alcachofra para ressaltar os músculos da
barriga e injeções de DMAE (ácido dimetilaminoetanol) na barriga para endurecer os
músculos

- Meia hora e pronto (pág. 116) nº 35

estética – exercícios – academias

academias estão oferecendo um circuito de meia hora de exercícios para as pessoas que
dizem não ter tempo para ir a academia

- Creme, depilação e perfume (pág. 120) nº 35

estética- vaidade masculina – produtos de beleza – cuidados com a aparência

comportamento – garotos adolescentes estão incorporando os rituais de beleza
feminino(cuidando da aparência), aparar sobrancelhas, depilar partes do corpo, fazer luzes
no cabelo,usar cremes hidratantes,esfoliantes e passam horas na frente do espelho só para
conquistar as garotas

- Nem bebê nem acne (pág. 78) nº 36

estética – acne - novos medicamentos – científico

nova geração de anticoncepcionais com baixas doses de hormônios, que inibem a ação de
hormônios masculinos no corpo feminino; redução da oleosidade da pele e dos cabelos, dos
pêlos no corpo e da queda de cabelo
explicação científica

- É possível sim, ser feliz (pág. 86) nº 36

estética – calvície – genético – estresse e depressão

calvície – fatores genéticos, principal causa de queda, mas também estresse, depressão,
dietas de emagrecimento e distúrbios hormonais
cabelo sinaliza potência, libido e jovialidade

- Elas não desistem (pág. 72) nº 38

estética – celulite – novo medicamento

novo medicamento em creme que promete queimar celulite
especialistas acreditam que o medicamento não funciona porque não consegue atingir as
camadas mais profundas da pele onde estão as células de gordura (científico)

- Academia sem lesões (pág.124) nº 38

estética – exercícios –preocupação visual - comportamento

comportamento – na pressa de ficar malhado para o verão as pessoas exageram nos exercícios ou fazem de modo errado o que provoca lesões

- De dia, sem óculos (pág. 117) nº 39

estética – miopia – tratamento não cirúrgico

tratamento para miopia, técnica não cirúrgica que ajusta a córnea para corrigir a miopia, a pessoa só tem que usar uma lente de contato especial enquanto dorme, que corrige a estrutura da córnea.

- Grávida com atitude (pág. 76) nº 40

estética – gravidez – vaidade – cuidados com o corpo - beleza

mulheres grávidas não querem perder a vaidade e querem continuar sexy, para isso fazem academia, drenagem linfática cuidam da alimentação para não engordar demais. Mercado de roupas e cremes e produtos para grávidas é um dos que mais cresce Mundo movido pela hipervalorização da beleza

- Pílulas que douram (pág. 100) nº 42

estética – medicamento - bronzeamento

pílulas que estimulam a produção de melanina, melhoram o bronzeamento e protegem contra as agressões dos raios solares.

- Em forma para o verão (pág. 120) nº 43

estética – academias – exercícios – preocupação com a forma física e alimentação

com a chegada do verão aumenta a procura pelas academias para melhor a forma física e exibir corpos enxutos cuidados também coma alimentação, reeducação alimentar

Obesidade

- É fácil evitar que ele engorde (pág.106) nº 24

estética – obesidade – sedentarismo – má alimentação – genética e ambiente

não depende só da genética, mas também do ambiente propício a obesidade, má alimentação e sedentarismo, falta de prática de esporte

- A insustentável leveza do pop (pág.122) nº 24

estética – obesidade – valorização da imagem – genética – problemas de saúde

a imagem é super valorizada pela mídia e pela população, as pessoas não podem ser gordas e muitas sofrem com problemas de obesidade desde a infância ou de problemas de saúde e não conseguem emagrecer, e acabam sendo excluídas.

-Os Cariocas na balança (pág. 82) nº 26

**estética – obesidade – sedentarismo – hipertensão – doenças cardíacas – diabetes
baixa auto-estima**

excesso de peso mistura fatores sociais, maior acesso a comida, menos atividades físicas, sedentarismo, programação genética para acumular gordura

os obesos são mais suscetíveis a hipertensão, doenças cardíacas, diabetes e alguns tipos de câncer e também sofrem de baixa auto-estima
comodidades da vida contemporâneas, maior acesso a comida, menor atividade física, genética, ambiente.

- Light, agora para criança (pág. 76) nº 36

estética – obesidade – sedentarismo – alimentação menos calórica

um terço da população está obesa e a população está exigindo das lanchonetes e fabricantes de alimentos, alimentos menos calóricos, devido ao filme Super Size Me
explicação para a obesidade: muito tempo na TV., vídeo game, computador, poucos exercícios físicos e maus hábitos alimentares (comportamento)

Alimentação

- A prova dos trigos (pág 89) nº 29

estética – engordar - preocupação visual

pão de massa branca engorda mais que o integral
comportamento - preocupação com o visual (ficar gordo)

Plástica

- Anônimos com cara de famosos (pág. 75) nº 18

estética – transformações visuais – plásticas - obsessão por celebridades

peças que sonham ficar igual (fisicamente) a seus ídolos, se submetem a várias cirurgias plásticas às vezes radicais e gastam muito dinheiro
sintoma de desvalorização muito grande, devido a cultura atual voltada para a obsessão por celebridades e por boa aparência

- Miss Bisturi (pág. 103) nº 34

estética – transformações visuais - plásticas – preocupação com a aparência

crescimento da indústria da beleza e das cirurgias plásticas, preocupação com a aparência

- Mudança Radical (pág. 84) nº 28

estética – transformações visuais - plásticas – baixa auto-estima

cirurgias plásticas para mudar a aparência, o visual para as pessoas que estão insatisfeitas, quem mais procura são pessoas com baixa auto-estima, que se consideram feios ou gordos.
Obsessão pela busca da felicidade na beleza.